

DEPÓSITO LEGAL

SEMANARIO HUMORISTICO



Luiz Caldas

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



MELHORAMENTOS CIDADINOS



A Companhia dos Telefones brindou o público do Porto com umas redomas de cristal, onde é proibido tocar na cabine

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

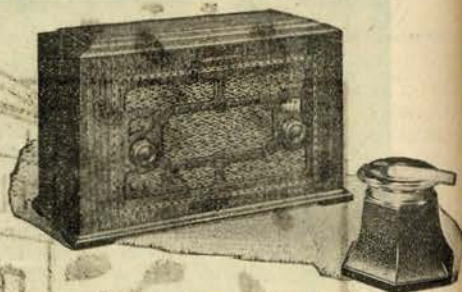
3 soluções económicas de

ATWATER KENT

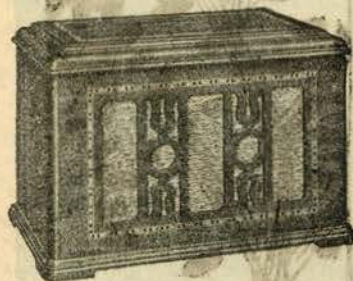
RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada, em nogueira.

Esc. 1.000\$



Modelo 155



Modelo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriplo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA L.ª da,

P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Encontro no Comércio do Porto o seguinte anúncio:

Pensão Lourenço

A melhor pensão da Curia, e a que fica mais próxima das águas. Ultimamente, aumentada com novos quartos e com água encanada.

Tem de novo ao serviço a sua antiga cozinheira, a pedido dos seus hóspedes. Muito asseio e conforto, com e sem dieta. Piano, garage e corrector a todos os combóios.

Diária de 15 a 25\$00.

O proprietário e gerente,

Manuel Lourenço Ribeiro.

Encantou-me este anúncio. E desde já me permito recomendar muito especialmente, não só a Sociedade de Propaganda de Portugal como a Direcção Geral do Turismo, esta simpática pensão que só pensa na comodidade e bem-estar dos seus fregueses.

Já o facto de haver retomado a antiga cozinheira, só porque os hóspedes lho pediram, revela uma óptima vontade de bem servir. Provavelmente, a antiga cozinheira era perita na confecção de bons piteus, mesmo sem fugir aos ditames da dieta, enquanto que a sua sucessora se desmandava nos temperos e deixava com frequência esturrar a sopa. De aí o legítimo desgosto, e não menos legítimos protestos, da parte dos hóspedes. E' de crer, porém, que a primitiva discípula de Vatel, a par da pericia nos guisados, apresentasse alguns defeitos. Se assim não fôsse, não teria sido despedida. Provavelmente, tirava comissão nas compras — o que, de resto, está hoje muito na moda — e defraudava a frasqueira para refrescar interiormente o abdômen, esquentado pelo calor do fogão. A que veio substituí-la

não tinha nada de isto; mostrava-se de uma fidelidade de caixa forte ou de nazi alemão. Em troca, possuía um paladar detestável. Ora a comida se apresentava mais insôssa que uma crónica do sr. Júlio Dantas, ora mais salgada que uma conta do restaurante no rápido Porto-Lisboa. Abominável criatura, que forçava os hóspedes a levantarem-se da mesa com apetite, numa estância aonde se vai propositamente para emagrecer!

Aos primeiros protestos exteriorizados pelos fregueses, o sr. Manuel Lourenço não hesitou: despediu a cozinheira. E logo, procurando a outra, fez *amende honorable*, apresentando-lhe as suas melhores desculpas e suplicando humildemente que voltasse para a sua antiga cozinha, onde seria rainha incontestada e senhora absoluta. Isto, num país onde os patrões costumam ser tão orgulhosos e os donos de hotéis folgam com a comida mal feita, para que os hóspedes comam menos, evidencia uma correcção e uns sentimentos que não estamos muito acostumados a ver.

Mas onde a boa vontade — direi mesmo: a dedicação — do sr. Manuel Lourenço se patenteia, desmarcadamente, é na circunstância de mandar à estação, à chegada de todos os combóios, um piano e uma *garage*. Já aquilo de ter aumentado o edifício com água encanada, no tórrido verão que atravessamos, revela um decidido desejo de agradar. Ficou assim uma habitação anfíbia, metade sólida, metade líquida, aqui de pedra e cal, ali de água doce, — com aposentos para todos os gostos e para todas as classes de indivíduos. Os hóspedes que tiverem por apelido Leão, Lebre, Carneiro, Coelho, Oliveira, Macieira, etc., em terra firme. Os que se chamarem Peixinho, Robalo, Sardinha, Camarão, Delfim, Bacalhau, Enguia, Boga, Lapa, e *tutti quanti*, no líquido elemento. E é tal o escrúpulo do sr. Lourenço que, tendo-se este ano hospedado em sua casa o antigo diplomata

sr. Camelo Lampreia, ele lhe deu dois quartos contíguos, um de cada lado da linha divisória, — o primeiro para o Camelo, e o segundo para a Lampreia.

Não satisfeito ainda com tantas comodidades juntas, o sr. Lourenço foi mais longe. Mal os combóios partem da Mealhada ou de Mogofores — o que se conhece pelo consabido toque de corneta na passagem de nível — logo quatro galegos sopesam o piano e, avenida abaixo, largam com ele para a estação. Ignoro qual o fim de esta inovadora medida, mas calculo que não seja para receber os hóspedes ao som da *Portuguesa*. Suponho, antes, que seja para que os doentes, quasi todos artríticos, possam logo de entrada, executando meia dúzia de escalas no momento do desembarque, aquilatar do grau de funcionamento dos seus dedos. Com exercício idêntico no dia da saída, ficam habilitados a conhecer a diferença experimentada pelas suas articulações. E os que tiverem reais melhoras, de-certo executarão ainda, em *andante vivace*, o célebre «Fado das mãos».

Seja como for, o certo é que a *Pensão Lourenço* é digna da protecção do público. Só tenho pena de que não mude a designação. Aquele Lourenço dá a entender que o dono é de Braga. E em Braga há tão maus hotéis!

Marcial Jordão.



O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Balancete da semana

Reparem que esta é boa,
— coisas que só em Portugal se expandem:
os nobres habitantes de Foz-Coa
não podem ir à Meda nem que os mandem.
Foram a Penedono, à romaria,
e ao passarem na Meda
sofreram a arrelia
de uma agressão inesperada e treda;
atiraram-lhes (veja se adivinha,
caro leitor, se já lhe não constou)
aquela coisa que Cambrone tinha
na bôca ao combater em Waterlôo;
uma coisa que a gente trás em si,
mas que não cheira, quando exposta ao ar,
pròpriamente aos perfumes de Coty.
E esta agressão — confesso-o — a mim, também
me não cheira, de facto, muito bem.
Certo é que os agressores são da Meda,
e cada um, emfim, dá o que tem...
Tudo isto (consoante me segreda
um homem imparcial,
reproduzindo o que na terra soa)
porque há tempos tiraram a Foz-Coa
justiça e tribunal.
Uma asneira de marca.
Pois que volte a cabeça da comarca
para Foz-Coa, pondo as lutas fim;
e os da Meda, a avaliar pelo que atiram,
é natural, suponho, que prefiram
ficar só com o rabo, ou coisa assim.

*
* * *

Dona Maria Braga, moradora
em Santa Catarina
(que me afiançam ser uma senhora
muito distinta e fina)
é do nudismo adepta fervorosa,
como, afinal, tôda a mulher formosa.
— *Formosa vem de forma.* E só esconde
as suas formas, em montões de pano,
a mulher cujo corpo não responde
aos cânones de Fidias ou Ticiano. —
D. Maria é bela,
e conhece que o é.
Não tem no corpo a minima mazela,
desde o cabelo ao pé.
Por isso é uma nudista habitual,
e ao sol, ao vento, ou ao clarão da lua,
passeia no quintal
inteiramente nua.
Vai de aí, os vizinhos,
em sinistra alcateia,
juntaram-se e, mesquinhos,
armados de vassouras e de ancinhos,
deram-lhe um tarefa!
Crime cruel, que foi um disparate
e a todos causa horror!
Ignoram, os vilões, que se não bate
numa mulher, nem mesmo co'uma flor?
Se eu lá estivesse, defendê-la-ia.
Com o meu corpo o corpo seu cobria,
desafiando o furor de quanto existe.
Morreria? Talvez... Morte galante,
como a de áltivo cavaleiro andante,
que cai prostrado, mas de lança em riste!

Turiddu.

O vinho do Pôrto e os "lords"

Quem é o *lord* que não gosta do
vinho do Pôrto? Conhecem algum?

Ora o *Diário de Lisboa* julga dar-nos
uma grande novidade, no seu número
de domingo passado, dizendo que
lord Kitchener foi um grande apreciador
do nosso vinho, e, a confirmar essa
novidade, cita um exemplo. Querem ver?

Um dia, *lord* Kitchener, que se
encontrava na Índia, foi a uma caçada
a-pesar-de ser mau atirador. Avisado
de que no sítio havia caça grossa,
chamou o seu criado e pediu vinho do
Pôrto, sendo prontamente obedecido.
O criado traz-lhe um grande copo
cheio da deliciosa bebida mas um dos
caçadores presentes opõe-se a que o
lord beba. Este, contrariado, anuiu
à oposição do amigo e, passados
instantes, faz os dois melhores tiros
da sua vida, abatendo um casal de
tigres reais.

Exultou de alegria e, voltando-se
para o criado pega no copo e emborça-
dum trago.

Por isto se vê, que o seu desejo
anterior não se filiava no receio, mas
sim no desejo de se premiar antecipa-
damente.

O vinho do Pôrto! O vinho do Pôrto!

Tourear de patins

Estamos a ver os nossos leitores
rirem-se do título, mas é assim mesmo.
Foi a *United Press* que nos fez a
comunicação em radiograma, expres-
samente dirigido à nossa redacção por
intermédio dos nossos colegas diários.

Não julguem, porém, que é um
toureiro profissional que realiza a
façanha. Não, senhores! É um baila-
rino de sua profissão e, para esse
efeito, o redondel da praça do México
teve de ser transformado de maneira
a permitir esse espectáculo.

Para isso, o piso arenoso foi substi-
tuído por um de madeira, bem ajus-
tada e lisa, e, a-fim-de evitar que os
tours também patinassem, calçaram-
-se-lhes umas alpergatas de borracha,
com as quais os cornúpetos se moviam
como uma sogra no seu estado inte-
ressante.

E ainda há quem barafuste contra
o progresso!...

Onde e quando se pensou calçar
alpergatas aos touros para serem cor-
ridos por patinadores, quando há por
aí tanto desgraçado que se calça sabe-
-se lá por que milagre?

Viva o progresso e as ideias mo-
dernas! Viva!

João do Norte.

MARIA RITA é o jornal humorístico
de maior expansão

Encarecimento das bebedeiras —
 Cultores com a escola toda —
 Obras cidadinas — Novos talentos para
 Associação dos Jornalistas e Homens
 de Letras

Nada de interessante na cidade
 sair. Monotonia e sofrimento. Apenas
 um grande alarido, em defesa dos
 olhos verdes.

A delimitação de regiões tem de
 manter-se, custe o que custar, por
 causa dos tipos de vinho.

E que tipos!!! Fazem vinho até
 das próprias uvas.

Facilmente se verifica o altruísmo
 dos nossos defensores. Cada litro de
 vinho, na terra das frigideiras, custa a
 metade de 2 escudos... por enquanto.

Montou-se (é o termo) no Pósto
 Agrário desta cidade um ligeiro curso
 destinado a ministrar aos lavradores
 conhecimentos amplos sobre a maneira
 mais eficaz de aproveitar a uva.

Claro que, destas montagens, o
 montado é sempre o consumidor.

Para que diabo estará o Sr. Direc-
 tor do Pósto a ralar-se??!

Na nossa região os vinhateiros já
 possuem a escola toda.

Um anónimo qualquer, em carta
 enviada ao *Correio do Minho* chama a
 atenção de quem de direito para as
 obras de pavimentação e iluminação
 da Avenida dos Combatentes da Grande
 Terra.

Ao homemzinho afigura-se que
 aquilo ficará um pouco lúgubre e com
 ar de guerra.

A propósito das obras de constru-
 ção da ponte em cimento armado sobre
 o Rio. Este, no lugar da Soutinha, pre-
 senta-nos um leitor amigo, quando
 a obra estará concluída e se já vimos o ci-
 mento.

Com franqueza!! Aquilo parece que
 é o mesmo assim, isto é: uma ponte
 de pau armado.

No n.º 70 do semanário *Escola
 Moderna* vem publicado um artigo
 sob o título — *Conversando* — todo cheio
 de amor e assistência às crian-
 ças, firmado por uma senhora Maria
 Zé.

Pelo visto a D. Maria Zé, talvez
 devido à crise, abandonou o negócio
 para se dedicar às letras e à petizada.
 Parabéns à *Escola Moderna* e à
 bela escritora.

Nesta ordem de ideias, teremos
 muito breve a D. Adelina deitando

figura no *Correio* e a D. Maria M...
 na direcção do *Diário*.

A simpática MARIA RITA anuncia
 um novo concurso, grande entre os
 maiores, para todos os gostos e medi-
 das, intitulado :

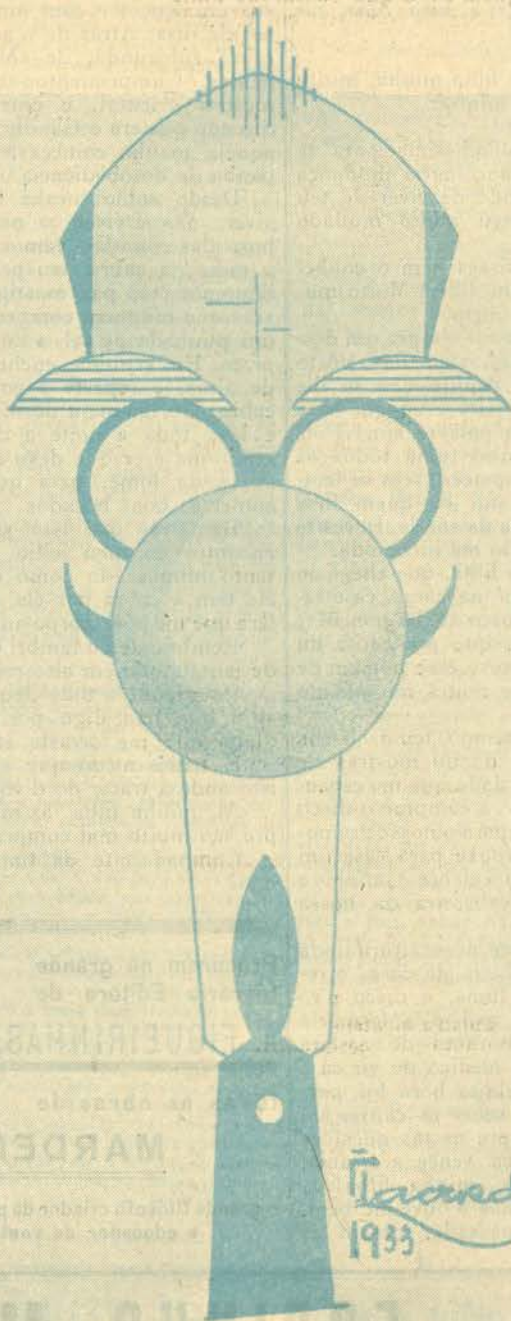
Qual é o tipo da cabeça descoberta?
 O concurso, além de muito interes-
 sante, é fácil de adivinhar.
 Como V. Ex.ª sabem, o tipo
 da cabeça descoberta é... é o tipo
 único.

Sal & Pimenta.

OS MEUS BONECOS

XII

ANÍBAL DE MORAIS



— O amor é lei de Cristo,
 Fiz de êle a minha cruz...

Epistolografia Fêmea

Os impossíveis dêste mundo

(Em os nossos dias)

Ora aqui temos nós outra secção da MARIA RITA que dará que falar.

Epistolografia-fêmea, que melhor se poderia chamar cartas de mulher, destina-se a arquivar na nossa revista, êsses milhares de primorosas jóias que as mulheres da nossa terra confeccionam todos os dias às carradas. Por elas poderão ver os leitores a grande elevação espiritual das nossas queridas metades, e avaliar quanta sentimentalidade albergam os seus corações amantes.

Começaremos por uma carta de mulher casada escrita a uma filha que está longe:

Querida filha minha, muito e só minha:

Escrevo-te desoladíssima para te dar conta da extraordinária mudança que se deu no modo de viver de teu saudável pai e meu muito mudado espôso.

Ai, que se o visses nem o conhecias de vista, minha filha! Muito mudou o diabo do homem.

Como sabes êle foi sempre um desgraçado e um cóninhas que dava gosto ser mulher dêle. Aquilo que se lhe dissesse era obra feita e aquela boca não tinha senão a palavra sim! Pois agora, pelo contrário fuma todos os cigarros que lhe apetece, sem se lembrar que sempre fui eu quem lhos ministrei por causa da saúde. Deves-te lembrar que o fumo me incomoda.

Calcula, minha filha, que chega ao desprante de fumar na cama, êsse tá-lamo virgem de tabaco até há pouco!... E lembrar-me eu, que por causa do cheiro a nicotina, teve êsse homem de dormir um ror de noites no sofá do seu escritório!...

Já há bastante tempo, teu pai (Deus me perdôe) vinha dando mostras de uma ânsia de liberdade que me espantava, chegando até a comprar o disco da Maria de Fonte para o nosso gramofone. E há dias trouxe para casa um quadro a óleo do célebre Gandhi e quis colocá-lo à cabeceira da nossa cama.

Afortunadamente, nessa altura ainda eu conservava a chefia da casa; o retrato foi para o lume, o disco pôrô maneta, e o teu pai pôrô farmácia curar-se duns arranhões de roseira brava. Teve até o médico de vir cá a casa curá-lo, e maldita hora foi, porque me disse, ao saber as causas do desastre, que sempre nestas questões de liberdade nunca vence a tirania.

E era verdade, minha filha!... Desculpa as lágrimas e ouve-me bem, agora: A noite passada, deram as

nove horas e o teu pai não veio do café! Compreenderás o meu assombro, sabendo como sabes, que em 20 anos de casados foi esta a primeira vez que assim procedeu.

Fui para a porta da rua e pelo sim, pelo não levei a vassoura grande. Sentei-me no último degrau e esperei. Teu pai chegou às 8 e meia do dia seguinte, e a minha estupefacção não deixou que o zurzisse, e bem mal fiz! Calcula que me apareceu vestido de homem nu, o tronco apenas envolto em um lençol e com umas sandálias cõr de rosa. Atrás de si arrastava uma cabra rubicunda, de chifres proeminentes. Cumprimentou-me com uma mesura oriental, e entrou em casa dizendo que era o Gandhi, e que desde aquela manhã começava a sua campanha de desobediência civil.

Desde então minha filha, o meu viver, não é viver: é um inferno; à hora das comidas, vamos os três para a mesa: a cabra, teu pai e eu. Sentamo-nos; teu pai, mastiga umas palavras que ninguém compreende, agarra um punhado de sal, e deita-o no meu prato. Em seguida, enche o meu copo de água, e reparte a comida com a cabra. Obriga-me a dormir no soalho, e leva tôda a noite a discursar, fazendo-me crer que devo eu declarar a greve da fome, para que êle possa comer os bons bocados.

Bem vês que isto vai muito de encontro ao meu feito. Revolto-me, tento mimoseá-lo como dantes; mas êle tem a cabra por êle, e ela é uma fera que me põe o corpo num S. Lázaro.

Lembras-te do lambri da nossa sala de jantar todo em alto relêvo?

Pois tenho-o todo demarcado num sítio que não digo por causa dêsse diabo que me arrasta até à parede.

E tenho medo que além de tudo isto ande a tratar do divórcio.

Ai, minha filha, as mulheres sempre são muito mal compreendidas.

Compadece-te da tua desgraçada mãe.

Procurem na grande
Livreria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

— Concluir a Avenida das Nações Aliadas.

— Demolir os bairros da Sé, Barredo e Miragaia.

— Ligar a Avenida da República à Praça.

— Construir o campo de aviação nesta laboriosa cidade tripeira.

— Frontificar o obliisco do valoroso Marques de Pombal.

— Edificar a ponte Cordoaria-Candal.

— Acabar com a prostituição.

— Acabar o monumento da Boavista.

— Viajar no caminho de Ferro Boavista-Trindade.

— Irigir uma estátua ao inolvidável Camões, no meu canteiro inspirador (Cordoaria).

— Termos mais duas bandas regimentais.

José A. Pereira da Costa.

CARTAS IODADAS

Boa MARIA RITA

aqui há dias aconteceu um caso de espantar, e que embora, de-certo, tu te rias. Com verdade, te vou descreminar. Numas rochas que existem cá na praia Dois ingleses, mui calmos, sossegados, Tiram, êle as calças, ela a saia. Tudo aquilo com que iam farpelados. Bonito quadro! Estampa de nudistas! Maravilha de cor e liberdade! Se assim fizessem tôdas as banhistas, Eu fazia da praia a minha herdade! Já êles se encaminhavam vaporosos, Dispostos para o banho estimulante. Quando viram, além dos curiosos, Um homem a chamá-los, arrogante. Vai-se a ver o intruso, o homemzinho, Que no seu banho assim se intrometia, Pretendendo ensinar-lhes o caminho Que vai da praia à capitania. E, lá foram, «vestidos», contristados, Pagar a multazinha apetecida; Jurando de futuro, acautelados, Banharem-se, êle vestido, ela vestida. Aqui tens tu o caso interessante Que observei nestas risonhas férias. Até para a semana, anjo galante, Dispõe sempre do teu amigo

Lérias.

Posta restante

Elmano Stamor — Você tem razão no que diz; mas nem sempre há o que queremos. Quanto à musa domingueira, não nos lembra de a ter visto. Mande outra por favor.

A. Ventura — Mil agradecimentos.

S. Monteiro — Antes de mais nada dê-nos licença para manifestarmos por V. Ex.ª a maior consideração e o maior respeito pela casa que dirige.

E depois... permita-nos que continuemos na nossa. Sobretudo a segunda frase do anúncio está manca. Só se encontrar lá à venda também peixe. De contrário... continuamos a afirmarmo-nos de V. Ex.ª com muita estima.

Estoira Vêrgas — Tudo pronto e tudo como quer. Obrigado.

Adriano X. Nel — Aquilo dos garrafas vai ser tirado a limpo. Depois diremos.

Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino

DESCANSO SEMANAL

Caneladas gramaticais sem pêso nem medida

Para que o tempo decorrido sobre a catástrofe abaixo descrita a polvilhasse de esquecimento, tornando-a menos sangrenta, só damos a conhecer a V. Ex.^{ta} um formidável relato do sapientíssimo correspondente de *O Comércio do Porto*, em S. João da Madeira. Vale a pena ler-se:

S. João da Madeira, 3 de Setembro de 1933

Viação perigosa — Automovel incendiado — Desastre

Hoje, cerca das 17 horas, na curva dos eucaliptos ao norte da vizinha freguesia de Arrifana (Vila da Feira) seguia com grande velocidade o carro «Lancia» N.º 7780 guiado pelo motorista Henrique Carvalho Costa Martins, solteiro, natural de Coimbra, conduzindo o proprietário do carro sr. João Pedro Sobral Mendes, das Caldas da Rainha, que seguia para o Porto, tendo o carro saído da mão precipitando-se por uma pequena ribanceira, á esquerda, subindo depois para um plano onde, dando uma volta sob si, ficou voltado para baixo ficando os dois homens inclausurados sem poderem sair de baixo e começando imediatamente o carro a arder.

Atraz de si vinha o carro S-21812 que ao ver o desastre e a situação aflitiva dos sinistrados, bem como uns guarda-fios que a uns 100 metros do local se encontravam em serviço de modificação de linhas correram ao local e conseguiram salva-los abrindo a porta do lado, de uma morte horrorosa.

Prova-se pelo exposto que o carro que vinha atrás ao ver o outro e os

guarda-fios, salvou a porta do lado de uma morte horrorosa. E continua

.....
O sr. Sobral Mendes, com a vista direita bastante pisada assim como a cabeça, sem que tivesse rebentado sangue, sentia-se animado e incutia o mesmo ao motorista e apenas nos pediu: Não pinte o caso mais feio do que ela é mas apenas o que podia ser... Muito risinho atendeu nos correta e amavelmente. Compareceram os Bombeiros Voluntários Sajoanenses que já não chegaram a tempo de empregar os seus serviços; o carro tinha ardido todo

O *Comércio* é um amor a arranjar correspondentes humorísticos. Como viram, o sr. Sobral Mendes que tinha a vista e a cabeça pisadas, queria incutir o mesmo ao motorista!... E os Bombeiros já não chegaram a tempo de empregar os seus serviços, porque o carro já tinha ardido. Pode depreender-se daqui que se não tivesse ardido, eram os bombeiros quem lhe deitariam o fogo.

O nosso *Jornal de Notícias*, se fôsse homem, era o tipo mais pândego que haveria. Para se avaliar bem do que ele é como jornal de grande informação, basta ler as descrições que tem feito do último crime da rua de S. Victor. São piramidais. Calculem que ele até chamou a vítima a libélula que o fogo do amor queimou, quando a verdade perfeita é que foi o fogo da pis-

E ainda não tinha terminado a modalidade da cantiga, quando, sacudindo o pó á janela, lhe aparece o sr. P.º Francisco que aparecendo muito antes no caminho que vai á margem do muro do solar, estava escutando tanta felicidade — coisa que era já invulgar naquela casa, e ela com estupefado, calando-se um pouco envergonhada, manteve-se respeitosa e disse:

— Bom dia sr. abade!?

— Bons dias, Ana. Então que é isso? Cantas agora com essa idade, não respeitando o silêncio da tua senhora e Dama D. Beatriz? que é isso, Ana?

— Não é nada sr. abade. Suba se tem pouca pressa pois temos cá uma grande caixa de surpresas. Suba... suba sr. P.º Francisco, venha cá ter só comigo a meio da estrada do solar que lhe quero contar o que vai por cá.

— Espera que eu vou aí.

E P.º Francisco o zelador da casa, ficou estupefacto com semelhante propósito, dizendo de si para consigo: A Ana endoieceria?

Tão cedo abre as janelas, tudo dorme e ela canta?!? E' extraordinário, mas vou apreciar-lhe a loucura. E a seguir, á entrada do portão de ferro, encontra Ana com as chaves grandes que recordavam as chaves da porta do Céu abrindo-o, dando entrada ao sr. P.º Francisco.

P.º Francisco com muita delicadeza e res-

tola. E por aí fora, tantas coisas, que se não dissessem respeito a um crime repugnante aqui as anotaríamos. Assim, não! Assim vamos a outras coisas do mesmo diário. Vejam este anúncio:

Casa

vende-se na estrada da Triana, com 15 divisões e 3 pequenas, com agua, luz, arvores de fructa, ramada, bons ares, perto do carro, livre e alodial. Falar na mesma com Narciso Fidalgo.

Ora aí está uma casa que convinha por certo a um terceto que costuma habitar num camarote de bôca do teatro Sá da Bandeira. Uma casa com três pequenas ainda que vendida, é realmente uma prenda de fidalgo.

Por o acharmos muitíssimo original, vamos continuar com a transcrição do folhetim que sob o sugestivo nome de *Berta*, anda a publicar a filial dos *Ecos de Gaia* na risonha vila de Gaia: *O Comércio de Gaia*. É uma beleza de conceitos e uma perfeição de forma. Assina-o, como já dissemos, o illustrissimo escritor Domingos Fernandes Braga, pessoa muito cotada no meio viti-vinicola, porque é um barra. Oh! *Copos id Labor est*.

Elé aí vai, tal e qual o recortamos: Vejam o chorrilho de asneiras que nem nos atrevemos a comentar para lhe não tirar o sabor.

feito pela veterana saudá e perguntando-lhe como passou a noite, ao que ella respondeu: Bem sr. P.º Francisco... Shiu!... Shiu!... não diga nada por enquanto, mas cá para nós que ninguem nos ouve... sabe quem está cá nesta santa casa? Quem é, pergunta admirado P.º Francisco.

— Temos cá e com muita simpatia a nossa linda dos olhos azuis que eu tantas vezes aconcheguei ao meu colo! Temos cá Bertinha, a prima da casa e sabe? Vai casar, que linda ella, está agora, sr. P.º Francisco! E' um anjo para o Ruy, sabe? Não diga nada por amor de Deus, sr. P.º Francisco, que isto por enquanto é uma caixa de surpresas.

E ajasta-se cantando:

Da-me a vida com teus beijos

Já que por teus beijos morri...

— Até logo sr. P.º Francisco, adeus e espere o convite, e desapareceu um pouco apressada, que P.º Francisco fica completamente aturdido.

Abeira-se dum banco e quer sentar-se, mas pela recommendação da creada que parece uma louca, respecta-lhe o segredo da noticia, e caminhando em direcção a Igreja, pára, e diz para consigo!

(Continua)

FOLHETIM DE O COMERCIO DE GAIA

BERTA

nr de Setembro de 1933

N.º 6

ROMANCE DE AMOR

POR

DOMINGOS FERNANDES BRAGA

Notava-se bem o encanto produzido na vespera em que os sorrisos se confundiram com as lágrimas, e recordações suculentas do passado acumulavam imensas alegrias do futuro. Ana era bem o significado de que acenta ao peito um inocente e cuja recordação não é efemera, mas sim uma conjugação dum amor quasi de mãe. Ana trouxe muitas vezes a infancia de Berta aconchegada a seu regaço, e a nascer e chamave-lhe a linda dos olhos azuis onde se espelhou muitas vezes e nas faces ruborizadas da criança depunha sempre um trinado de beijos doces.

Oh! cana real das canas,
Quem te mandou aqui?...

Albano Ramos Pais & Filho

ALTA COSTURA

Atelieres de vestidos e roupas brancas

Rua Sá da Bandeira, 166 — PORTO

TELEFONE 4258

A eleição da Rainha das operárias bem-servadas nas fábricas de Matozinhos

O Rei das Conservas e o seu sequito. Para alguma se está a construir a Creche dos Conserveiros



A carinha do Guedes é sempre a mesma, não acham?

MATOZINHOS como toda a gente sabe é uma vila que fica um pouco para lá do Castelo do Queijo e é beijada pelo mar constantemente. Estes beijos frequentes, além de lhe fazerem cócegas nas costas, teem outra qualidade muitíssimo superior: dão-lhe sardinha à farta e uma festa rija ao Martel S. Sabastião, que é aquele desgraçado que está metido entre quatro pilares mesmo à beira da linha do combóio, e deve estar com os ouvidos sem concerto por causa dos apitos.

Pois é precisamente do que Matozinhos vive: é do produto das suas costas, isto é da sardinha. Por causa da abundância deste peixe, ergueram-se em Matozinhos algumas dezenas de fábricas de conserva que teem por principal objectivo, transformar estes animais comestíveis emquanto não estão podres, em múmias dissecadas que duram eternamente ou lhes fazem como os farmacêuticos às cobras: cobrem-nas de um líquido que as faz viver mortas por toda a vida.

E' claro que estas fábricas não trabalham só por si. Em todas elas vive uma fauna de homens e mulheres que cheiram a sardinha insuportavelmente.

A Rainha das Operárias

Em todo o mundo, desde que se descobriu que as formigas e as abelhas faziam todos os anos concursos de beleza para elegerem as suas rainhas, passou a haver uma febre de imitação, só comparada com a dos povos cultos na destronação das suas rainhas de verdade.

Em Matozinhos, porém, além da Rainha da Praia, que é uma barbuda muito mais feia do que a nossa MARIA RITA, não havia nenhuma outra. Por isso, os operários de todas as fábricas com o geral agrado dos seus superiores, trataram de eleger a sua rainha, que não era precisamente aquela que mais de pressa escochava um cento de sardinhas, nem aquela que dispunha e preenchia uma dúzia de latas em menor espaço de tempo.

Não senhor! Foi escolhida a mais bonita, de que infelizmente não podemos dar a fotografia porque a MARIA RITA tem horror às mulheres bonitas. Em compensação, vamos apresentar a V. Ex.ª

que nomeamos desde já. A nossa escolha recaiu sem hesitações no sr. João Ferreira Martins, da Continental, que é positivamente aquele que tem mais bôjo para isso. Que nos desculpe sua Excelência a quem sabemos republicano desde nascença, e mais nasceu em Fátima.

A nossa homenagem não traduz qualquer ofensa às suas ideias, mas simplesmente às suas qualidades comerciais, pois o conhecemos negociante pelo menos de: ferragens, panos, artigos para bicicletas, automóveis, aviões, etc.; miudezas, modas para senhora, entrevistas para jornais e tem um *chauffeur* que é um barra no que respeita a sopeiras.

Por estas razões, nomeamos sua Excelência o Rei das Conservas em Matozinhos. Vamos agora ouvir algumas

Opiniões Autorizadas

dos diversos subditos de sua majestade.

Vamos tentar percorrê-los a todos, se bem que as fábricas são tantas e o cheiro em todas elas é tão estomacal, que não saberemos se tentaremos o fim.

Fala o Barbosa do Consórcio

— Olhem, meus amigos: rei só há um. E' Deus. Quanto à rainha, acho bem que se tenha elegido, e vou até propor ao Consórcio que se crie

uma marca nacional assim chamada: Rainha das Conservas. Se o Ramires estiver pelos ajustes é pela certa.

O que nos disse o Edmundo da fábrica Nun'Álvares

— Olhem, meus amigos, os meus cálculos nunca falham. E meu sócio Lage é que tem outra orientação. Mas a verdade é esta: a cabeça não serve senão para criar piolhos. E sendo assim, porque não há de ela servir para sustentar uma coroa? Agora o

que eu não perdoo é aquilo da *Sagrada Família*...

Tem a palavra o sr. Benjamim de Oliveira Especial

— Cá em minha casa todo o azeite, mesmo que seja óleo do Felgueiras é sempre de Oliveira Especial. E' a marca da casa. A mim tanto me importam reis como rainhas. O que não quero são mais fábricas cá na terra. Quando veio o decreto da proibição eu disse cá para mim:



Sua Magestade D. João I, Rei das no Portugal «Continental»

— Bem, agora já não se montam mais. Agora paramos. Pois nem mais nem menos: a primeira a vir foi a fábrica Paramos. E isto não tem geito.

A Fala de Sua Magestade,

foi dita do alto de um trono de latas vazias.

— Como vêem, lata não me falta. E hei-de enchê-la toda se Deus quiser. Eu já disse, em entrevista que concedi ao diário *O Liberal*, o que entendo desta coisa de conservas. Houve quem não gostasse, mas eu não tive culpa. Há por aí muita gente que não gosta de ouvir verdades, eis tudo. Agora como republicano, protesto solenemente contra a entrada da *sagrada família* no meio conserveiro. E conservo o que digo, meus amigos.

O que nos confidenciou o sr. José Cabral

— Acho muito bem os reis e as rainhas. Eu já tinha dito ao meu cunhado que era necessária esta entronização. Mas o verdadeiro complemento directo destas festas é a Creche. Sem ela, onde se meteriam os príncipes herdeiros? Façam-se rainhas, façam-se príncipes, mas conservem-se integros os princípios da família. E para isso só abrindo creches. Não acham?

O Neiva, da fábrica Oceano, falou desta arte

— O' meninos: não há ninguém que faça *farinha* com esta tropa. Reis para quê? Rainhas para que servem? Haja sardinha que pão não falta. Eu hoje não passo de um *sindicalista*, e cá na minha fábrica não quero ouvir falar nisso.

Além disso, uso uma cruz na firma. Pois, nem por isso admito a *sagrada família* no meu seio.

O que perorou o sr.

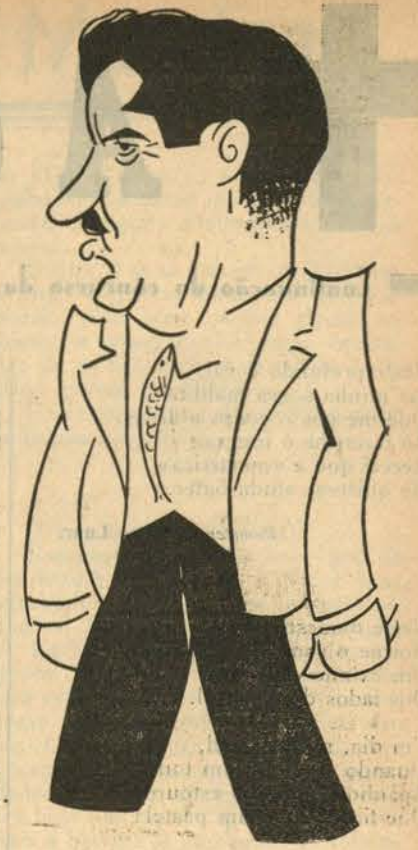
Dr. Fernando de Matos

— Se V. Ex.ª — começamos — nos dissesse alguma coisa a respeito de conservas...

Sua excelência atalhou logo: — Nem palavra a este respeito. De conservas estou eu farto. Mas há muito por aí quem possa informá-lo. Todos, cá na terra são...

— Conserveiros?

— Pelo menos, conservadores. Até os médicos, quando operam, fazem ci-



Ora aqui temos nós um conserveiro absolutamente «Especial»

rurgia conservadora, desde o Dr. Mário Cardia ao Dr. Neves de Castro. O único que foge à regra geral é o Dr. Eduardo Torres.

— E o Dr. Pedro de Sousa? — A esse, melhor lhe ficaria a designação de *conservado*. Porque o está, de facto, admiravelmente. Passa dos 60 e dá a impressão, pela frescura do rosto, de um menino do côro. Acreditara que lhe não falta um único dente?

— Não admira. Há quatorze anos que deixou de comer à mesa do orçamento municipal...

— Talvez seja por isso, talvez... As iguarias que na Câmara lhe forneciam, regadas com Carcavelos, eram muitíssimo indigestas. Olhe: e outro, também esplendidamente conservado, é o Dr. Augusto Cardia.

— Esse tem grande cautela consigo. Guarda-se muito.

— Para isso, é guarda-mór e de saúde. Se ele a não tiver, quem há de gozá-la nesta antiga vila de Bouças e futura cidade de Leixões?

O final

Que nos perdôem os restantes conserveiros se não damos a estampa todas as opiniões recolhidas. Mas é impossível porque o jornal não é como o mar... e o próximo número também é número para isso esperemos portanto até ao próximo sábado se Deus quiser.

AQUI JAZ

Continuação do concurso da **MARIA RITA** 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Neste profundo coval,
Jaz minha sogra maldita
Que me pôs o couro a arder.
Ao lazer-lhe o funeral,
Receei que a «mafarrica»
Me quisesse ainda bater.

Remetente: **Rutra Luar.**

Neste modesto coval,
Dorme o sono derradeiro,
Um exímio cavaleiro,
Dos lados de Cadaval.

Um dia, no redondel,
Quando farpeava um touro,
Apanhou tamanho estouro,
Que ficou como um pastel!

Remetente: **Serigaita.**

Maria Emilia, — aqui jaz,
Por da mãe apanhar poucas!...
Vai empenhar o que traz,
Para andar com menos roupas.

É d'Amarante essa *lais*,
Na casa dum tal queimado;
Veio p'ra caçar pardais,
Mas nenhum foi depenado...

Isto é; — um coitadito,
Teve morte permatura;
Vejam lá, que o pobrezito...
Afogou-se na pintura!!...

Remetente: **Rei dos Nabos.**

Aqui jaz, padre Machado,
Padre paçudo e matreiro,
Que faleceu engasgado,
Com os cornos dum carneiro.

Quando a missa ia dizer,
Para a sua capelinha,
Nunca ia sem comer,
Um frango, ou uma galinha.

Remetente: **Sem Destino.**

Aqui jaz o Barnabé
Homem douto, muito esperto.
Resolveu morrer de pé
E ficar com um ôlho aberto.

Remetente: **Quim Grande.**

Neste coval
Em paz descansa,
Certo animal
De grande pança.

Era tendeiro
Vinho vendia,
Tinha um balseiro
Onde o fazia.

E baptizava
Com gran mestria,
Não protestava,
Quem o bebia!

Co'êste vinho abençoado
Que ninguém emborrachou,
Grande fortuna logrou,
O morto aqui sepultado!

Singular e verdadeiro
E que a todos desatina,
E' saber-se que o tendeiro
Faleceu co'uma cardina!!!

Remetente: **Rei das Musas.**

Aqui jaz neste canteiro,
Em cova bastante tôca,
O padeiro Damião.
Morreu c'uma congestão...
...Por estar um dia inteiro
A fabricar uma rósca...

Remetente: **Alberto H. da Silva.**

Jaz aqui um cavalheiro
Que deu muito que falar,
Foi em vida caloteiro,
E morreu p'ra não pagar.

Remetente: **L.**

Neste triste cemitério
Dorme o João Valeré,
Morreu num combóio mistério,
A' porta do W. C.

Remetente: **L.**

Jaz aqui a Leonor
Sob esta singela cruz.
Foi desta para melhor
Ao dar dez filhos a luz.

Remetente: **Lérias.**

Nesta campá rasa e fria
Jaz a mãe da minha tia
Que era a mãe da minha mãe
E portanto minha avó
Que morreu no outro inverno,
Pois quando aqui penetrava
Meu avô, que já cá estava,
Logo lhe diz com desdém:
Nem aqui me deixas sô?...
Antes quero ir p'ro inferno.
E inchado como um nababo
Foi-se abraçar ao Diabo.

Remetente: **Quim Grande.**

Nesta campá coitadinhos
Como qualquer cidadão,
Jazem os dois amiguinhos,
Pérola Verde e Damião.

Assim o *Ecos* deixaram
Sem ter ninguém que lhes valha,
Dentro do caixão levaram
Sessenta molhos de palha.

Remetente: **Fantasma Negro.**

Jaz aqui neste coval
O *chauffeur* Zé Amaral
.....
Ao atropelar seu rival
Foi vítima do mesmo mal.

Remetente: **S. D.**

Morreu minha sogra Lina
De morte «bem natural»
Foi minha mulher (que fina)...
Que lhe deu, no carnaval,
Dois bolos de estriçnina.

Remetente: **Sô Darco.**

Um galopim aqui jaz,
Neste lugar solitário,
Cujo nome é Zé Macário;
Sono eterno dorme em paz,
Terminou o seu fadário.

Sua alma endiabrada,
Deu ao demo êste ratão,
Quando em dia de eleição,
Uma enorme *chapelada*,
Qu'ria pôr em execução!

Remetente: **Rei das Musas.**

E com razão!...

(Da «Estréla da Beira», de 10 de Setembro).

Vox populi...

A Morte não 'scolhe idades,
Vem á cega — e leva um Bem.
Oh! — quantas vezes anseio
A morte que nunca vem!...

Remediado já 'stá
O que remédio não tem.
Peço remédio aos teus olhos.
Que fogem de mim — e bem.

Diz o povo: Deus nos livre
Dos maus visinhos da porta!...
E's má vizinha — que eu quero,
E o teu olhar não conjorta.

Braga.

A. Garibaldi.

Ao «Garibaldi», poeta
Da terra das frigidieiras,
Dá-lhe sempre na vineta
P'ra cantar em tom violeta
As tristezas e cansieiras
D'esta vida de grillheta.
Pede a morte em altos gritos
Ao Bom Senhor dos Afritos;
Chama a Parca, em desespero,
...Mas tudo a armar, tudo treta.

Mas d'esta vez, eu confesso
Que este caso é bem diferente
E o «Garibaldi» é sincero.
Pois pedindo êle remédio
A dois olhos fugitivos
Que se lhe furtam, esquivos,
Vem dizer, sem grande tédio,
E com ar quasi contente,
«Que remediado está
O que remédio não tem.
E que, se os olhos lhe fogem,
Fogem d'êle e muito bem!...»

Dr. Knox.

Quadras & Quinas

Vai-te concurso safoado,
P'ras profundas do Inferno,
Foste por mim desejado
Mas como fiquei «gatado»
O meu ódio é eterno.

Aquele que te inventou
Não tinha mais que fazer,
Se outra coisa não logrou,
De tanto que me «achato»
No Inferno está a arder.

Quando eu vir anunciado
O terceiro PIM-PAM-PUM
Eu fujo p'ro outro lado,
Não entro em mais nenhum!

Tantas vezes me esbarrei!...
Que destino tam ingrato...
Nem ao menos conquistei
Um garraão de «pingato».

Camaradas que me lêstes
Não vale a pena lamentos,
Eu perdi, e vós perdestes
Dou-vos os meus sentimentos:

Delfim de Freitas.

Cartas do Mondego

Colega MARIA RITA:

Tenho o prazer de te apresentar o meu amigo Eutímio, madrileno de sete costados, um ótimo companheiro e um *piropeador* famoso.

Em si, pode dizer-se, se resume o espírito de Espanha, da Espanha de Vilches, de Prieto, de Valle-Inclan, das mulheres ardentes e, emfim, da Espanha cavalheiresca e alegre.

O meu amigo, tem um fraco pelas mulheres belas e não passa uma à qual não dirija um *piropeo*.

Há dias encontrei Eutímio e fomos fazer Avenida. Passaram mulheres loiras, taças de champanhe Cliquot a espumar, morenas de fogo e, emfim, um sem número de mulheres que eram outras tantas páginas do «Sourire».

Eutímio, estava encantado e tam encantado que foi distribuindo *piropeos* a torto e a direito.

Passou junto de nós uma mulher esguia, uma mulher Wamp, uma mulher Greta Garbo e logo Eutímio disparou:

— *E's más estrecha que las leyes penales, rica!*

Passou outra mulher, uma morena de pé pequeno, um pé minúsculo, um pé reduzido quasi à sua expressão mais simples.

— *La calza à ud. Algun fabricante de dedales?*

Para Eutímio, um *piropeo* vale mais que um beijo, vale mais que um sorriso.

Passou uma viúva coberta de crepes. Eutímio não respeita a viuvez e como a viúva era esbelta e linda, disparou:

— *La acompaño al sentimiento y hasta su casa...*

Mas de todos os *piropeos* do meu amigo aquele que achei mais interessante foi o do banco.

Eu conto:

Noite. Num banco do jardim estavam sentados cinco bons nacos de carne sem espinhas, como dizia Dr. Knox, cinco mulheres que poderiam representar qualquer país em qualquer concurso de beleza. Eutímio mirou-as e sorriu-se, sorriu-se e logo um *piropeo* saiu, um *piropeo* que lêz sorrir as cinco belezas.

— *Dicen que los Bancos estan sin dinero, habiendo en este tanta riqueza!*

Eis Eutímio, o meu amigo Eutímio, que representa bem o espírito cavalheiresco de Espanha, da Espanha de sol e touros, da Espanha de *jotas* e *malagueñas*, de mantonas e castanholas.

H. da Costa, segundo dizem os jornais da especialidade, vai filmar, logo que se concluíam os trabalhos

de «Gado Bravo», os «Mistérios de Lisboa». Teremos, pelos vistos, desvendados alguns mistérios da formosa capital.

O pior, é se se descobrem mistérios de mais e aparece demasiado gado... manso. Não seria melhor deixar os mistérios sossegados? Porque, emfim, isto de se descobrirem mistérios pode trazer graves complicações.

E, de resto, ninguém se deve meter onde não é chamado.

(Um pequeno parêntesis).

Escreve-me uma senhora que se diz leitora da MARIA RITA e uma admiradora entusiasta das minhas produções. Uma pergunta: Como soube V. Ex.^a o meu nome verdadeiro e a minha direcção?—Espero que satisfaça esta minha curiosidade. Não sou, como julga, um rapaz novo, mas sim um Cunha da Raza na idade, sem possuir, todavia, as excelsas qualidades dêsse seu conterrâneo. Não sou também um rapaz elegante, como diz, pois a barriga já aumentou de volume a-pesar-de estarmos em regime de compressão de despesas. Emfim, o retrato que V. Ex.^a de mim fêz está tremido, tremido e desfocado. Agradeço-lhe, contudo, as suas boas palavras gentis e amável «Ela».

Et voilà...

Coimbra continua a mesma. Se não estivesse a chover, diria que isto precisava chuva... Assim...

Abraga-te o

Mil Reis.

Décimas... relaxadas

Pigarro e Dias, rapazes
Que sabem dar à canela,
Fizeram 'ma prova bela,
Foram valentes, audazes,
Do ciclismo dois «ases».
Diz o povinho em geral
Que êles deram em Portugal
Uma volta. Mas em suma,
Eles não deram só uma,
Deram muitas... ao pedal.

São dois «ases», não d'espadas,
Nem de copas, paus ou ouros.
Ganharam da glória os louros
Dando cem mil pedaladas
Num biciclo, p'las estradas
Que circundam a nação.
Hoje os «ases» em questão,
— O Pigarro mais o Dias —
Desde há coisa de oito dias,
São os «ases»... do tostão!

(Biscaia-Alb.-a-Velha).

Olegna.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 27

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

30 DE SETEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

**REI DO ORCO
OTROPÁVLIS
OTTER**

Decifrações do n.º 25 — 1) Erre, 2) Jula, 3) Trataruga, 4) Manjarico, 5) Jacintra, 6) Jumento, 7) Remedo, 8) Calipe, 9) Cãobate, 10) Baboca, boca; 11) Fungão, fugão; 12) Figueira de Castelo Rodrigo, 13) Póvoa de Rio de Moinhos, 14) Figueira de Castelo Rodrigo, 15) Porvo, 16) Estrudes, 17) Casoadá, 18) Quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes no ano.

Decifrações — Rei do Orco, 18; Otopávlis, 18; Otter, 18; Reirobi, 17; Dília Galo, 16; Feirante, 12; Fantasma Negro, 12; Monteiro II, 12; F. Rodrigues, 12; Zarb, 10; Zé Barão, 10; Sô Darco, 8.

Enigma em verso

(1)
O meu princípio é redondo,
O meu fim é redondinho;
Dentro de mim cabem cem,
Mas cem quê? E' segredinho!

Nasci redondo, já disse,
Ser redondo foi meu fado.
No meu começo e no fim,
Sou redondo e sou vasado!

Olegna.

Charadas em verso

(Retribuindo ao Otopávlis)

(2)
Na Sé, dão três badaladas,
Nasce a noite, morre o dia... — 1
E a bruxa, quem o diria?! — 2
Co'o sacrista, às gargalhadas,
Vai de embate à sacristia.

Olegna.

(A' ilustre Serigaita agradeço e retribuo o abraço)

(3)
Que triste acontecimento, — 2
Sucedeu ao Alemquer,
Quando estava no Sever
A pescar! Vê num momento, — 2
Um «tubarão» corpulento,
Qu'r'er engulir-lhe a mulher!

Dília Galo.

(A Sepol)

(4)
O «Benfica» endiabrado,
Ao jogar no Ameal,
Levou um vaso atestado, — 2
De golos p'ra capital...

Mas a grande quantidade — 1
De golos que lhe ofereceram,
Levou o grupo à maldade...
E os do «Pôrto», assim, ... perderam.

Porém, fiquem a saber,
Amigos do bom desporto,
Em futebol podem crer,
Quem triunfa é sempre o Pôrto!

E é no Pôrto, sem favor,
Que existe, caro Sepol,
De Portugal o melhor
Jogador de futebol.

Adriano X. Nel.

(Ao ilustre Adriano X. Nel)

(5)
Não desisto da contenda, — 1
Embora, me chameis tonto,
Pois fiquei sem a fazenda
A mais linda lá da tenda, — 2
Que tinha custado um conto!

Horaciano.

Novíssimas

(6)
Na igreja da Vitória, há uma imagem
que tem as cores desta peça de
vestuário. — 1, 2.

Dília Galo.

(7)
Em o José se supondo alguém,
torna-se difícil de contentar! — 1, 1, 2.

Busina.

(Ao Monteiro II agradecendo)

(8)
V. acha que me posso conter, em
face do enredo de um indivíduo que
me chame pássaro surdo?! — 2, 1, 1.

Bisnau.

(Ao confrade Bisnau)

(9)
Não golpeie a criança! — 2, 1.

Lérias.

(Ao distinto Rei do Orco)

(10)
Aquele carta que te enviei com
uma nota encontrou-te já curado. Que
alegria! — 1, 1, 1, 1.

Zarb.

Sincopadas

(12)
3 — Muito vinho se consumiu na
festa! — 2.

Busina.

(Ao camarada Reirobi)

(11)
3 — A brisa corre suave,
Numa doce melodia,
Solta trinados a ave,
Quando alegre rompe o dia.

E o homem, o cavador,
Num labutar persistente
Canta um hino ao Criador
Numa voz triste, dolente... — 2.

Serigaita.

Maçadas geográficas

(Ao colega Sepol)

Formar o nome duma terra portu-
guesa com as letras da seguinte frase:

(13)
D. SEPOL VIRÁ EN AVIÃO!...

F. Rodrigues.

(Ao distinto Sepol)

(14)
SEPOL CATA A VIDE

Otter.

Tipográficos

(15)

NC CAPITAL

Horaciano.

(Ao valente Otter)

(16)

RIO X

Otopávlis.

Provérbio a adivinhar

(Ao gentil confrade Bisnau com os meus agradecimentos)

(17)
Será possível, Deus meu,
Que um remédio tal banal,
Termine co'o sofrer seu,
Duma forma radical?

Meu coração recebeu
Grande choque, por sinal,
Num momento resolveu,
Finalizar o seu mal!

Logo, na Cív'lização,
Minha colaboração,
Verá; não perca a esp'rança,

Porque lá diz o ditado,
Por sinal muito acertado:

Serigaita.

ÓRGÃO OFICIAL DOS MENTIROsos NATOS OU DE CONDIÇÃO

Boatos, Petas, Palões, Balelas, Coisas de arrepiar

Director por direito de conquista: **PARLATÃO SINCERO****Editorial**

Por esse Portugal além, segundo se depreende pela leitura dos jornais, ninguém está satisfeito.

Se não chove, berram os lavradores, os criadores de gados, o diabo. Se chove, berram os hoteleiros das termas e das praias, as empresas de camionagens, e os vendedores ambulantes.

E' clavo que quem paga as favas é Nosso Senhor Jesus Cristo que já não sabe há muito para que lado se há de virar.

Avança, também, por essas terras fora, uma onda de crimes hediondos que faz pôr os cabelos em pé. Morticínios, facadelas, foçadas, marmeleiradas, que teem feito mais estragos do que todos os Joões Semana juntos. Mas a pior de todas as ondas, é aquela dos crimes graves, que ofendem vítimas desde os 6 até aos 30 anos, e são praticados na maior parte dos casos por homens depois dos cinqüenta.

E esta coisa, cá para nós, é pecha nova. Antigamente, ou se não davam destes crimes, ou as vítimas se contentavam com o respeito da multidão. Agora não! Agora as coisas tomam rumos muito diversos e quasi sempre uns miseros vinténs custam um bom par de contos.

Damos em seguida algumas noticias da provincia.

**De Norte a Sul****Assassinato frustrado**

Torre de D. Chama... Por Nós, 13 — Esta madrugada, no lugar denominado Tarrenego Eu, Domingos Dias Santos fez uma espera a Pancrácio Carneiro Lóbo, vibrando-lhe 123 facadas no peito, costas, pescoço, etc. e tal, de que resultou perder 20 litros

(ou mais) de sangue. Pensado no hospital, recolheu depois a sua casa.

Dizem que a causa da agressão foi uma questão de águas. Mas nós julgamos ser questão... de vinho.

Futebol acidentado

Rio de Moinhos... de Vento, 24 — Réalizou-se, ontem, no Campo da Rua, um desafio de futebol entre o Quebra Cabeças F. C. e o Volta Para Trás A. C., que terminou com um empate de 35 a 35

Durante o desafio, foram mandados para o hospital 10 jogadores de de cada grupo. O árbitro, durante o encontro, foi pôsto K-O dez vezes. A assistência (aos pobres) invadiu o campo, indo a maior parte dela para a cadeia e para o hospital.

Assalto — Prisão dum dos assaltantes

Chaves... de parafusos, 2 — Na noite passada, foi assaltada a Fábrica de Serração pertencente à firma estrangeira K. Galhon & C. L.da.

Foi o caso que o guarda nocturno ouvindo um ruido estranho, passou uma busca a todo o edificio, apanhando em flagrante delicto os gatu-nos. Acto continuo, tirou do bolso uma metralhadora pesada, dando várias descargas e perseguindo os gatu-nos que, a-pesar-de feridos e mortos, continuaram a fugir (a sete pés) só lhe sendo possível agarrar um deles, que, por ser mais gordo, se tinha atrazado. Conduzido o assaltante ao pôsto da G. N. R., foi ali revistado, sendo-lhe encontrado nos bolsos das calças 5 tábuas de ferro de 15 metros cada, nos bolsos do colete 3 serras de fita (mas que fita) e nos bolsos do casaco diversos toros que estavam para serrar.

Foi enviado ao tribunal, tudo levando a crer que irá sentar-se na cadeia... eléctrica.

Suicídio

Espinho de... Rosa, 14 — Ontem, pelas 14 horas, 15 segundos e $\frac{1}{5}$, o guarda de segurança n.º 62889 que andava de serviço na Avenida dos Lampeões Apagados, ouviu algumas detonações. Dirigindo-se para o sitio de onde as ditas tinham partido, deparou-se-lhe um quadro (a óleo) horrível. Fôra um individuo de 5 meses de idade, de nome Bento Saraiva, que havia dado, com uma pistola de barro, 5 tiros e meio no dedo mínimo do pé esquerdo. O sangue jorrava abundantemente por tôdas as partes do corpo. Conduzido imediatamente (a pé) ao hospital, ao chegar ali era cadáver. Trata-se de amores mal correspondidos.

Grave desordem

Mesão Frio... e Quente, 30 — No passado domingo, no lugar de Valha-te Deus, Tomé Pinheiro e Justo Machado envolveram-se em desordem por causa dum copo de vinho, o que deu origem a que o Machado pegasse num machado verdadeiro e descarregasse sobre o Pinheiro, rachando-lhe a cabeça que teve de ser saturada com 37 pontos... de máquina de costura.

Julgamento importante

Arma... Mar... e Terra, 21 — Realizou-se, ontem, o julgamento do empregado da Caixa Geral de Depósitos... de Lixo, Fortunato Maldonado, que era acusado de ter cometido um desfalque no valor de cinco tostões e meio, desfalque este que vinha praticando há 18 anos. Foi condenado a 35 anos de prisão maior celular, 5 dias de degrêdo e 2 horas e 5 minutos e meio de cadeia.

A sentença foi bem recebida.

M. II.

Para
Pintar
paredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10 minutos
dura 10 horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

De mote para mote aumenta o número de concorrentes desta secção. Por esse facto, mais uma vez somos forçados a deixar para a próxima semana a quadra da redacção e a respectiva classificação das duas quadras que a mereçam.

Adeus cachopas do Pôrto,
Já não quero mais amor!
Por vossa causa ando torto
Mas... vós inda andais pior!!!

Sepol.

Contigo linda cigana,
Já não quero mais amor;
Quem te deu já a banana
Que te dê coisa melhor.

Lopes Pereira

Desde que estudei o código,
Já não quero mais amor,
Ainda te deixo a tempo...
P'ra outro ir no andor!

Zé Caminha.

Já fiz os 60,
Já não quero mais amor;
Isso, agora, é p'ra quem pode...
P'ra quem... pode, sim senhor!

Agá Larbac.

Já não fui às entrevistas,
Já não quero mais amor;
Mulher's como tu, fadistas,
Inte me causam horror.

Caura.

Não me apoquentes, Maria:
Já não quero mais amor,
Olha que, assim, qualquer dia,
Vamos os dois p'ro major!...

Adriano X Nel.

Já não te quero, meu bem.
Já não quero mais amor.
A porca da tua mãe
Fêz do meu lombo um tambor.

A. Meneses.

Perde de mim o sentido,
Já não quero mais amor,
Por eu tanto te ter querido,
Trago no peito uma dor.

Olegna.

Estou muito acabadinho
Já não quero mais amor
Mas inda lhe dou um geitinho
Se a moça... geitosa for!...

Francisquinho.

O' Micas, minha amiguinha,
Já não quero mais amor;
Julgava seres ma santinha
Saiste-me um estupor.

S. D.

Saiste-me um atrevido:
Já não quero mais amor.
O que tenho escondido
Té há de criar bolor.

Só Darco.

Quero viver santamente
Já não quero mais amor
Vou-me fazer penitente
Dum simpático confessor.

Inês.

Vou recolher a um convento
Já não quero mais amor
O meu entretenimento
Será o meu confessor...

Alcino.

Disseste a brincar comigo,
Já não quero mais amor.
Sendo assim, nunca mais digo:
Meu querido enganador!

Severa.

'Stou farto dos teus carinhos;
Já não quero mais amor;
Por causa desses sarilhos,
Ando nas mãos do Doutor.

Zé Barão.

Ao fim da lua chegamos,
Já não quero mais amor
Mas dos beijos que trocamos
Jamais se apaga o calor.

Nuno Grande.

Farto estou de namorar,
Já não quero mais amor:
A mulher para agradar
Pinta-se e muda de cor.

Quim Grande.

Visto que me repeliste
Já não quero mais amor:
Que grande prazer sentiste
Em me fazeres sofredor.

M = 2.º.

Nunca mais te quero ver
Já não quero mais amor:
Eras um anjo, Prazer,
Meu Deus... agora que horror!

Horaciano.

TERRAS DA NOSSA TERRA

O Lampeão de Sabrosa ou o banditismo nos salões de baile

Sabrosa, 26 — No último dia 23 realizou-se nos espaçosos salões da Quinta do Outeiro, um grandioso baile a que acorreram além das vinhateiras famílias das circunvizinhanças, toda a fina flor das redondezas.

E a coisa, isto é a festa teria decorrido no melhor dos mundos, se se não tivesse dado uma cena rocambolésca que pôs em alvoroço toda a ilustre comitiva. Foi o caso de que, quando a festa tinha atingido o apogeu do seu entusiasmo, quando em vez de tuvas se estavam pisando calos no salão, o célebre *Lampeão* dos nossos sitios, entalado com uma asa de peru que teimava em nadar à tona de meio almude generoso, resolveu fazer uma incursão pelas salas privadas da habitação, e sem querer foi bater à porta de um quarto onde o sr. Doutor do sitio repoisava descansadamente ao lado da sua legítima consorte.

E' claro que o bater foi de tal forma que o galeno julgando ser um *Lampeão* de verdade

aquele que a horas mortas e aproveitando o entusiasmo do baile lhe batia nos gonzos, não podendo atirar-lhe com a cara-metade, resolveu atirar-lhe com uma bala verdadeira que é muito mais barata.

O resto calcula-se. O *Lampeão* fugiu, e enquanto o *Marques de Celeiros* pregava dois safanões no *Rei do Petróleo* para que ele soubesse como se dançava a rumba, o *Lampeão* esgueirava-se sem sequer beber do *fino*.

Escusado será dizer que esta ocorrência fez desmaiar o brilho do baile, onde a animação foi caindo a pouco até descambar numa desconfiança absoluta, pois ninguém sabia quem tinha sido o convida que tinha ido perturbar o sono do sr. Doutor.

Todas as suspeitas recaíram no *Olho de Vidro*, porque era o único que continuava a brilhar no meio da desanimação geral.

E lembrar-se a gente que há tanto tempo se vinha esperando o baile do Outeiro?!

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

PEÇAS E



DECIMA QUINTA PEÇA DO CONCURSO

OS POETAS ENCRAVADOS

Peça que num acto não ata nem desata.

PERSONAGENS	1.º Poeta — sem vintém
	2.º » — depenado
	3.º » — ao alto
	4.º » — ó tio, ó tio!
	5.º » — têsso como um barroto
	6.º » — liso como uma tábua aplainada

CENA TRISTE

1.º POETA — Ora, vamos nós a ver se arranjamos um modo de almoçar hoje «à borla». Vou organizar um concurso para ver quais são os felizes que terão a dita de encher a mula à custa dos desgraçados que perderem. Estão de acôrdo?

Todos (*una voce*) — Sim, senhor! Muito bem!...

1.º POETA — O concurso é, pois, o seguinte:

Eu dou a saída numa rima fácil e num verso de sete sílabas e cada qual vai rimando sempre seguido e em verso de metrificação igual. O que se enganar ou disser algum palavão, ficará logo de fora a pagar, dando depois o mote para a outra volta. Está assim bem? Olhem que são três a pagar para três.

Todos (*unisono*) — Sim, senhor! Pode começar!...

1.º POETA — Ora, então, lá vai. Atenção!!

(*iniciando o concurso*)

- Eu barafusto e eu ralho
- 2.º POETA — Contra a falta de trabalho
- 3.º » — Só como açorda sem alho
- 4.º » — Não vejo carne do talho
- 5.º » — Nem um vintém amealho

6.º POETA (*distraído*) — Ora, vão para o Camões!

1.º POETA (*interrompendo*) — Eh, lá! Que é lá isso? O meu amigo já está a pagar.

6.º POETA (*protestando*) — O quê?! Então a rima não é em ôes?!

1.º POETA (*elucidando*) — Não, senhor!

E' em alho. E agora dê lá o mote para a outra volta.

6.º POETA — Ora, bolas! Lá vai então.

- Vocês são uns aldrabões
- 1.º POETA — Que só fazem confusões
- 2.º » — E andam sempre em aflições
- 3.º » — Por causa de dez tostões
- 4.º » — Não sejam tão mandriões
- 5.º » — Nem me borrem os cueiros.

1.º POETA (*interrompendo*) — Pronto! Você também já está a pagar. Estivesse com atenção.

5.º POETA — Mesmo que estivesse também pagava. Lá vai agora o meu mote.

- Há na rua da Atafona
- 1.º POETA — Uma velha toleirona
- 2.º » — Que anda sempre numa fona
- 3.º » — A triturar azeitona
- 4.º » — Com as bordas da panela.

1.º POETA (*atalhando*) — Ora, pronto! Você e os outros dois vão mandar vir o almôço para nós três.

4.º POETA — Está bem; perdemos, perdemos! (*cochichando para os outros que tinham perdido*) — Vamos pregar-lhes uma partida?

ESTES (*em voz baixa*) — Valeu!

O 4.º POETA (*em voz alta*) — Bem! Como se não deve negar a qualquer pessoa a desforra, vocês vão dá-la agora à gente. Se perdermos, pagamos também o jantar e se ganharmos ficamos empates. Está certo?

1.º POETA (*depois de consultar os outros*) — Sim, senhor, estamos de acôrdo. Dê lá o mote.

4.º POETA — Lá vai êle.

- Eu cá não tenho carôço
- 5.º POETA — Por isso pagar não posso
- 6.º » — A vocês nenhum almôço.

OS OUTROS TRÊS (*à «fossanga»*) — Ah! Mas isso assim não vale!!

4.º POETA (*alto*) — Estamos pagos, porque vocês também se enganaram. A rima é em ôso e não em ale.

(*Há, então, uma enorme barafunda e dividem-se os grupos em dois partidos: uns que afirmam e outros que negam. Os que afirmam dizem que não e os que negam dizem que sim. Ninguém quer dar o braço a torcer e começam a dar com êles pelas trombas uns dos outros até que pouco a pouco vão caindo adormecidos. Finalmente ficam dois a lutar e é tal a fúria que se comem um ao outro. O desgraçado do pano que não tinha culpa alguma ao ver que os cadáveres eram aos centos e que mortos não há nenhum tem uma diarreia intestinal e cai desamparado sobre a caixa do ponto. Esta que está pior do que uma ursa por ter levado um pontapé na boca, atira-se como uma leoa ao pano e arreventa-lhe com as pregas tôdas.*)

F I M

Elmano Siamor.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: Brevemente, estreia duma grande Companhia de Revista.

Rivoli: Sessões de cinema com as melhores reprises da época linda.

Olimpia: A super-produção Festas Felizes.

Trindade: Um filme de alegria Robinsson Moderno.

Batalha: Os filmes de sucesso Marrocos e A mulher que Deus me deu.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-dearia); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

CONCURSO DO PAPEL RASGADO

Terminou este Concurso com a 5.^a carta, inserta na passada semana. No próximo número publicaremos os nomes dos que nesta última prova mais se aproximaram do original, bem como as palavras que tinham sido suprimidas.

Damos agora a 4.^a carta tal como tinha sido escrita:

Minha amiga:

Nunca julguei que a tua mãe se intrometesse nas nossas relações. Começando a ser sogra antes do tempo. Qualquer dia armo um sarilho. Tu que conheces bem o meu génio não te admires de a ver chegar a casa com a cabeça amarrada.

Todo o sonho tem o seu pesadelo.

Dr. Knox.

Era, porventura, a mais fácil de tódas, e por isso muitos dos concorrentes se aproximaram, se bem que mais da ideia que das palavras.

Registam-se até agora, com mais de 40 palavras certas:

Formozinho da Sé, 48; Marcolino, 47; Marcos Correia, 47; Lamise, 46; Impávida e Serena, 44; Pimpão de Altamira, 42; Almiro Porto, 41; Manuel F. S. Tavares, 40.

Continuamos a pedir aos que alcançaram um número de pontos inferior a 40 a fineza de irem controlando.

Eis as cartas mais interessantes que recebemos. Consideramo-las assim, por serem as que mais se afastam do assunto.

Minha Amada:

Nunca julguei que tão cedo houvesse nas nossas relações o golpe cruel. A dôr sangra antes do tempo os corações sinceros. Um sarilho. Tu que conheces bem a vida não te admires deste contratempo. Cheguei a casa com a cabeça desorientada.

Todo o sonho tem o seu fim.

Dr. Knox.

Remetente: Quim Grande.

Minha Amiga:

Nunca julguei que tão estúpidamente surgisse nas nossas relações uma nuvem negra antes do tempo. Com franqueza, foi um sarilho. Tu que conheces o meu temperamento não te admires de eu sair de casa com a cabeça perdida e fazer qualquer tolice.

Todo o sonho tem o seu despertar.

Dr. Knox.

Remetente: Dilliana.

Minha Ingrata:

Nunca julguei que uma terceira pessoa se metesse nas nossas relações. E' sempre assim; nada se logra antes do tempo. Mas era bem escusado este sarilho. Tu que conheces o meu génio, não te admires de eu chegar a casa com a cabeça perdida.

Todo o sonho tem o seu triste fim.

Dr. Knox.

Remetente: Octávia Maria.

No próximo número iniciaremos o nosso concurso de Outubro intitulado:

O Homem da cabeça descoberta

Como verão é

Facílmo, divertido e prometedor

Vamos, portanto, a saber qual é

O Homem da cabeça descoberta